



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024

VIVÊNCIAS DE VIOLENCIAS POR ADOLESCENTES ORIUNDOS DOS DISTRITOS NO TRAJETO ÀS ESCOLAS.

Ana Júlia de Jesus Guimarães¹; Sinara de Lima Souza²

1. Bolsista – Modalidade Bolsa/PVIC, Graduando em Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana,
e-mail: anajulia-aj2011@hotmail.com

2. Orientador, Departamento de saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: sinarals@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Violência; Inclusão Escolar; Educação

INTRODUÇÃO

De acordo com Minayo et al. (2022), no Brasil, o ambiente familiar, comunitário, institucional e social em geral é permeado pelos vários tipos de violência interpessoal que afetam a saúde individual e coletiva e diminuem o potencial do saudável crescimento e desenvolvimento. Quando se trata de crianças e adolescentes, devemos considerar que a sua ocorrência poderá comprometer e/ou interromper o crescimento e desenvolvimento satisfatórios ou ainda ceifar suas vidas nas situações mais extremas.

A violência no contexto escolar se caracteriza por condutas agressivas com variados níveis e tipos de violência (física, verbal, e/ou psicológica), intencional e repetitiva ao longo do tempo, sem motivação aparente, que ocorrem entre pares e em uma relação desigual de poder e força (Alcântara, et al. 2019). Segundo Nery, et al. (2019, p.175) o desenvolvimento cognitivo de crianças e adolescentes pode ser alterado em função das constantes e repetidas situações de violência, seja ela sofrida ou praticada.

A população residente fora da cidade enfrenta diversos obstáculos, como o isolamento do meio urbano e as oportunidades que este oferece. O uso do transporte escolar, que promove o deslocamento diário de estudantes, funciona como um meio de integrar essa população que reside em distritos, ao meio urbano, permitindo que essa comunidade tenha o mínimo de acesso à educação e à saúde. O contexto brasileiro indica as iniquidades sociais existentes tanto entre classes, como entre contextos

territoriais, visto que existe escasso investimento público nas zonas rurais, o que ocasiona na diminuição do bem-estar das crianças e adolescentes (Alcântara, et al. 2019).

Diante disso, essa pesquisa tem por objetivo geral analisar as dificuldades no acesso às escolas encontradas pelos adolescentes oriundos dos distritos, e como objetivos específicos identificar as principais manifestações e os tipos de violências vivenciadas pelos adolescentes e descrever as vivências dos estudantes oriundos dos distritos no trajeto às escolas.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva, realizada no Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho, da cidade de Feira de Santana-BA, e teve como participantes 12 adolescentes na faixa etária de 15 a 19 anos. Em relação o sexo, 07 foram do sexo feminino e 05 do sexo masculino.

Os critérios de inclusão para participação da pesquisa foram os estudantes residentes de distritos que utilizam o transporte escolar e que aceitaram participar, tiveram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pelos pais ou responsáveis; assim como assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Os critérios de exclusão para participação da pesquisa foram os estudantes que, apesar de serem oriundos de distritos não estavam presentes na escola, durante o período de coleta.

A coleta se deu através de entrevista semiestruturada, para tanto, utilizamos um roteiro contendo dados sociodemográficos e a realização das perguntas: Alguém pirraça/faz ou já fez chacota por morar em distrito? O transporte é de boa qualidade? Você se sente seguro na escola? E no trajeto até a escola? Você já quis abandonar a escola por causa de alguma pirraça. Os dados foram analisados pela técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), a qual é composta pelas etapas de pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação. A fim de garantir a privacidade dos adolescentes, suas identidades foram preservadas e foram utilizados números e os respectivos sexos, conforme a ordem de realização das entrevistas, para identificar as suas respectivas falas.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Devido à dificuldade dos adolescentes em identificarem a violência que acontece no seu cotidiano, há dificuldade deles se perceberem como vítima e reconhecerem as relações violentas nas quais estão inseridos (Gessner, et al. 2014). A maior prevalência do tipo de violência entre os adolescentes escolares é o *bullying* verbal, a partir do uso de apelidos pejorativos evidenciando determinada característica física ou fragilidade da vítima (Moura, et al. 2011), como ser residente de locais distantes da sede de um município.

Ao questionarmos se em algum momento os adolescentes sofreram pirraça ou foram chamados de roceiros, emergiram a seguintes respostas:

Me chamam de “da roça”, mas eu não ligo, não me importo, não revido, fico quieta. (A2 F).

Além da violência sofrida pelos próprios estudantes, os alunos que usam o transporte escolar sofrem com a estrutura do transporte e com os motoristas. Dessa maneira, os escolares não se sentem seguros no trajeto casa-escola-casa. Essa relação de poder extremamente desigual entre vítima-agressor-família constitui uma tríade em que a violência é velada, naturalizada e silenciada não só pela vítima, mas pelos demais membros da esfera familiar. (Gessner, et al. 2014). No que se refere ao trajeto da escola, emergiu a seguinte situação:

[...] a gente tinha trocado o escolar, ai pela manhã alguns alunos importunaram ele (o motorista) e ele foi e falou que se ele quisesse que ele pegava o escolar e virava no meio da pista. Ai a gente ficou assustado e teve vários que desceu no meio do caminho e não executou o caminho com ele e acabou preferindo pagar van. [...] Essa troca de escolar é bem desconfortável porque a gente se acostuma com um (motorista) paciente, que anda mais devagar e acaba trocando por outro que nem sempre se dá bem. (A6 F)

Outra situação trazida por um adolescente, diz respeito às brigas que ocorrem dentro do ônibus, no trajeto:

Quando acontece briga entre os alunos, o motorista para o ônibus e intervém na briga, às vezes o motorista bota a pessoa que brigou pra descer. (A7 F).

Os adolescentes se percebem também como atores desse processo e reconhecem que algumas atitudes podem diminuir as situação de violência vivenciadas:

Acho que deve ter mais respeito e por um treinamento melhor pros motoristas e ter uma conversa com os alunos, porque os alunos vem rebeldes e encontra uma pessoa mais rebelde e fica ai uma disputa e ai entrelaça e vai sempre aumentando o risco pra a gente. (A7 F).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados, pudemos concluir que os adolescentes moradores de distritos sofrem diariamente violências do tipo verbal, sendo chamados de “*da roça*”, violência estrutural, por meio da má qualidade do transporte público, da não existência de escolas nos seus territórios existenciais, das estradas de má qualidade que dão acesso à sede do município e convivem com a insegurança no trajeto para a escola assim como no retorno para as suas casas, decorrentes das condutas de alguns motoristas que conduzem o transporte escolar. Além disso, há a banalização e o não reconhecimento de violências por parte dos alunos, visto que muitos só afirmaram sofrer violência a partir de exemplos dados. Diante disso, é crucial mais estudos sobre o tema, visando dar mais visibilidade a essa população vulnerável residente longe da sede, a qual precisa utilizar o transporte escolar para ter o acesso à educação, assim como a denúncia das situações aqui apresentadas para o poder público e comunidade organizada, com vistas a reivindicar melhores condições.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, S.C et al. Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: suas implicações no bem-estar. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.24, n.2, p:509-522, 2019.

GESSNER R; FONSECA R.M.G.S; OLIVEIRA R.N.G. Violência contra adolescentes: uma análise à luz das categorias gênero e geração. **Rev Esc Enferm USP**. v.48, p: 104-110; 2014.

MINAYO, M.C.S et al. A violência nossa de cada dia, segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde 2019. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.27. n.9. p:3701-3714, 2022.

MOURA D,R, CRUZ A,C,N, QUEVEDO L,A. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. **J. Pediatr.** v.87, n.1, p:19-23, 2011;.

NERY, G. Da.S; et al. Reconhecendo os agressores. In: CARVALHO, R. C. de; et al. **Violência nas escolas: do diagnóstico à intervenção**. Curitiba: CRV. p.450, 2019.